

## **Diploma de nível superior é raro em cargos de chefia**

**Só 27% dos dirigentes do setor público ou privado fizeram curso universitário**

**Pesquisa do Observatório Universitário foi feita com dados do Censo do IBGE. Para especialista, ensino superior precisa se expandir**

**ANTÔNIO GOIS**

DA SUCURSAL DO RIO

Mais um dado revelador da tragédia educacional brasileira: a imensa maioria das pessoas em postos de comando no dia-a-dia dos mais de 5.000 municípios brasileiros não completou um curso universitário.

Pesquisa feita pelo instituto Observatório Universitário mostra que somente 27% dos dirigentes, legisladores, diretores ou gerentes do setor público ou de empresas privadas têm formação de nível superior.

Essa situação acontece tanto no setor público quanto no setor privado. No setor público, o percentual dos profissionais com diploma em cargos de chefia é de cerca de 32%.

No setor privado, fica em 27%. O dado foi coletado a partir do Censo 2000 do IBGE (Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Para descobrir a escolaridade dos brasileiros em cargos de chefia, os pesquisadores separaram na classificação brasileira de ocupações utilizada pelo IBGE em seus censos apenas aqueles trabalhadores que se encontram no grupo de membros superiores do poder público, de gerentes ou de dirigentes de organizações de interesse público ou de empresas privadas. Entram nessa classificação profissões como diretores em empresas, legisladores em municípios ou dirigentes em qualquer área do setor público.

"São essas as pessoas que, em todos os municípios, comandam o Brasil. Mas apenas uma pequena parcela delas, tanto no setor público quanto no setor privado, tem formação superior", afirma Edson Nunes, coordenador do observatório e presidente do Conselho Nacional de Educação.

Para o presidente do Conselho Federal de Administração, Rui Otávio de Andrade, os dados mostram que a força de trabalho brasileira ainda está muito aquém, tanto em quantidade quanto em qualidade, para atender às demandas de crescimento da economia.

"A falta de profissionais qualificados e habilitados em níveis gerenciais ou nos cargos mais elevados, tanto no setor público quanto no privado, tem causado enorme prejuízo socioeconômico ao país", diz ele. O vice-presidente da Associação Brasileira de Mantenedoras do Ensino Superior Particular, Antonio Carbonari Netto, diz que uma possível explicação para a falta de graduados em cargos de chefia é o fato de muitas empresas ainda serem familiares, com muitos pais passando a gestão para filhos sem preparo.

Nunes e Carbonari citam também a rigidez dos currículos universitários como entrave ao aumento da força de trabalho com nível superior.

"Nossa educação superior é muito restritiva. Só há três opções de educação pós-secundária: bacharel, tecnólogo ou licenciado. É muito pouco se compararmos com

outros países mais desenvolvidos. É preciso ter mais opções, com mais cursos de curta duração, mas que permitam, principalmente, que os créditos que o estudante acumulou em determinado curso possam ser mais facilmente assimilados em outro. Hoje, esse tipo de crédito não pertence ao aluno, pertence à universidade", diz Nunes.

"A falta de graduados nas organizações brasileiras é reflexo também dos currículos mal desenhados, extremamente academicistas e teóricos, e que mal preparam para a vida social e das organizações", concorda Carbonari.

## **Menos de 8% dos brasileiros são formados**

DA SUCURSAL DO RIO

A falta de diploma não é uma característica específica dos brasileiros em cargo de chefia. Tabulações feitas a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do IBGE de 2004 mostram que apenas 7,7% dos brasileiros com mais de 23 anos já havia completado um curso universitário. Segundo dados do Censo da Educação Superior do MEC, de 1995 a 2004, o número de matrículas aumentou 136%, passando de 1,8 milhão para 4,2 milhões de alunos.

Mesmo com esse crescimento, o país ainda apresenta uma proporção da população com nível superior em patamares muito baixos. "Esses dados mostram que não podemos falar em frear o crescimento do ensino superior", afirma o coordenador do Observatório Universitário, Edson Nunes.

O presidente do Conselho Federal de Administração, Rui Otávio de Andrade, também concorda com a necessidade de ampliar a educação superior, mas ressalta a preocupação com a qualidade. "A expansão da educação superior é bem-vinda, pois estamos muito longe de atingir as metas estabelecidas pelo Plano Nacional de Educação, mas é preciso que isso seja feito de forma ordenada, com o cumprimento de padrões mínimos de qualidade."

Especificamente no caso dos cursos de administração, Andrade afirma que essa expansão já está ocorrendo, já que, de 1994 a 2004, o número de alunos matriculados saltou de 195 mil para 640 mil. Segundo ele, é possível que uma pesquisa mais atual - os dados do Observatório Universitário são do Censo de 2000- possam identificar alguma mudança no quadro de profissionais em cargo de chefia que não possuem um diploma de curso superior. (AG)

## **Municípios sofrem com falta de profissionais qualificados**

DA SUCURSAL DO RIO

A falta de mão-de-obra qualificada para gerir a máquina pública é uma das preocupações da Associação Brasileira dos Municípios, que organiza cursos para capacitar gestores a atuar conforme a legislação e de forma mais eficiente.

Para o diretor-executivo da entidade, José Carlos Rassier, o nível dos cargos de gerência é, na verdade, reflexo do baixo nível educacional de toda a população: "O gestor público vem obviamente dessa sociedade em que a mão-de-obra qualificada é escassa. É por isso que tomamos a iniciativa de criar uma escola de gestão pública".

Uma das razões que levou a ABM a criar esse curso foi a constatação de que boa parte das irregularidades cometidas por municípios não eram fruto de má-fé, mas de má gestão. "Analisamos 860 prefeituras auditadas pela Controladoria Geral da União e constatamos boa parte das irregularidades não estavam relacionadas à corrupção, mas à falta de qualificação para a gerência", diz. Segundo ele, um dos agravantes para essa situação é que a legislação ficou muito mais complexa. "Nós achamos extremamente importante essas iniciativas que dão mais transparência e rigor nas compras públicas, mas é preciso preparar os gestores públicos para lidar com essa complexidade".

Na terça-feira passada, um dos gestores a participar de um curso da ABM era Sylvio Tejada Xavier, prefeito de Tapes, no interior do Rio Grande do Sul. Ele conta que é difícil contratar, em seu município, profissionais com nível superior.

"Felizmente, a administração pública hoje é bastante regulamentada. Mas isso cria também algumas limitações. Eu, por exemplo, tenho dificuldade em achar profissionais de nível superior para trabalhar com os salários que a Lei de Responsabilidade Fiscal me permite oferecer", diz Xavier.

O prefeito relata também uma dificuldade enfrentada tanto em muitas cidades pequenas.

"Diariamente, saem do meu município cerca de 250 pessoas para fazer cursos superiores em cidades vizinhas. Só que elas acabam se formando e buscando oportunidades de trabalho em centros maiores", diz ele.

O mesmo problema é enfrentado pelo prefeito Carlos Pereira, de Tanguá (RJ). Ele conta que, por isso, resolveu criar uma escola profissionalizante para funcionários públicos e para empregados de empresas privadas que prestam serviço para a prefeitura.

"Nossa idéia foi investir na formação de agentes públicos que, uma vez capacitados, têm que repassar o conhecimento para os colegas. Buscamos um efeito multiplicador", afirma.

Um desses cursos forma funcionários para aproveitarem futuras oportunidades em uma refinaria da Petrobras, que deverá ser construída no município vizinho de Itaboraí.